

O alheamento do protagonista de *Pedro, você não vem brincar?* é compartilhado por adultos e crianças da sociedade contemporânea, que passam boa parte das horas do dia interagindo com aparelhos eletrônicos. *Smartphones* e aparelhos afins confundem as noções de presença e ausência: durante a maior parte do livro, Pedro, muito embora esteja no mesmo espaço que os outros personagens, permanece alheio, preso ao espaço virtual da tela. Ainda que a tecnologia se proponha, em teoria, a facilitar a comunicação, na prática ela muitas vezes acaba sendo um obstáculo para a conexão com as pessoas com quem se está no momento presente. As ilustrações de Rocio Bonilla traduzem de forma bastante precisa essa desconexão entre o garoto e o restante do espaço: ele aparece cinzento, enquanto os outros personagens são retratadas em cores.



Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,
professora e mãe

– Mãe, por que ele não tem cor?

Foi depois de um dia cheio de teletrabalhos adultos e de “tele-entretenimentos” infantis que nos sentamos juntinhas na cama para conhecer Pedro. Minha voz rouca demonstrava certo cansaço, enquanto minha pequena parecia ter o corpo entediado, um tanto acostumado à perda da rua e da praça em que parávamos na saída da escola. Aliás, da escola mesmo ela pouco se lembra. Quando Dandara se põe a falar do passado, o que vai brotando do chão da memória são as gostosuras do espaço de brincar em que passava boas tardes. Ainda não juntei coragem para lhe contar que o espaço já não existe mais. Esses tantos pensamentos desfilaram na minha cabeça em centésimos de segundo ao vê-la apontar para Pedro, uma criança fofa e cinza.

– Por que só ele não tem cor, mãe?

Confessei a ela que demorei um pouco para encontrar Pedro na capa do livro. Dandara reforçou que o menino parecia mesmo apagado, meio

deslocado junto de tantas fantasias, brincadeiras e sorrisos.

Estava posto o problema: o que poderia ter roubado a cor de Pedro?

Logo foi ficando claro que Pedro estava enredado pelos encantamentos mágicos da tela de um celular. Dandara, que bem gosta de explorar uma telinha, logo se indignou ao vê-lo dispensar um belo banho de banheira:

– Ele só pode estar hinopitiza... hitinopitizado... não, como fala?

A risada preencheu o quarto enquanto a pequena ia passando as páginas, vendo tudo que Pedro perdia. De repente, concluiu:

– Ele está brincando, mas só com os dedos! O corpo dele não brinca, nem a fantasia dele brinca. Acho que ele perdeu o sol.

Quanta poesia cabe em uma criatura? Um brilho me aqueceu por dentro e permitiu que eu não estragasse aquele momento especial tentando dar lições sobre as telas e seus problemas. Respirei e calei-me.

Ficamos ali saboreando a história, vendo como os avós são mesmo criaturas de outro mundo, capazes de salvar as crianças de qualquer feitiço. Dandara especulou que a força dos avós devia

vir dos chocolates que eles sempre guardam pela casa ou talvez dos cafunés feitos naquela hora de descanso após o almoço.

Conversamos sobre a ausência e sobre a presença. Dandara considerou que o celular também pode curar a saudade, encurtando as estradas que levam à casa da avó ou as distâncias da prima do interior. E é bem verdade que, mesmo sem dominar a leitura, a pequena já é mestra na arte das chamadas de vídeo e ensaia verdadeiros *podcasts* sobre os mais engenhosos temas.

Foi assim que combinamos de fazer das telas um caminho para o encontro. Combinamos também de brilharmos sempre o sol de dentro, mexendo o corpo e a fantasia, nem que seja por um minutinho do dia ou um instantezinho da noite – até que os encontros possam nos abraçar de novo, sem medos e sem máscaras.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (vários deles no exterior), entre eles *Até as princesas*

soltam pum (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais, acesse: <www.bibliotecailanbrenman.com.br>.

Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *Quem assoprou as minhas velas?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Pai, quem inventou?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *A vida de Fernanda.* São Paulo: Moderna.
- ✦ *A cicatriz.* São Paulo: Moderna.
- ✦ *A colecionadora de pedras.* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Livro Clap*, de Madalena Matoso. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Ter um patinho é útil*, de Isol. São Paulo: SESI-SP.
- ✦ *Animalário Universal do Professor Revillod*: o fabuloso almanaque da fauna mundial, de Javier Saéz Castán e Miguel Murugarren. São Paulo: SESI-SP.
- ✦ *Este livro comeu meu cão*, de Richard Byrn. São Paulo: Panda Books.
- ✦ *Outros mundos*, de Anabella López. São Paulo: Tordesilhas.

